

## Das Feições às Intenções - Uma Primeira Análise da Arte Rupestre

Aline Bastos Mendes<sup>1</sup>  
Amanda Carolina de Sousa Seabra<sup>2</sup>  
Diego Romeu Machado<sup>3</sup>  
María Élide Farías Gluchy<sup>4</sup>

**Resumo** – Hoje sabemos que a História da Arte tem sido contada desde o paleolítico com pinturas como nas cavernas de Altamira e Lascaux. Sendo assim a Arte está fortemente ligada à Arqueologia se analisarmos esta, como o fazer das coisas, e sua funcionalidade, seja ela qual for. E o que temos hoje são fragmentos de momentos da vida, decididos por imagens contar. Começa-se assim então, contar-se a arte e a sua história pela história dos homens pré-históricos.

**Palavras-Chave** – Pintura Rupestre. Altamira. Lascaux.

**Abstract** – Today we know that art history has been told with paintings from the Paleolithic to the caves of Altamira and Lascaux. So the art is strongly linked to archeology to analyze this, how to do things, and its functionality, whatever it is. And what we have today are fragments of moments of life, determined by counting images. It starts well then tell if the art and its history through the history of prehistoric man.

**Key words** – Cave Painting. Altamira. Lascaux.

A Arqueologia sempre discutiu seu aspecto como ciência desde meados do século XVI, antes disto existia os gabinetes de curiosidade contendo artefatos diversos e de períodos distintos. Isso tudo era como uma fascinação da época. Neste estilo mais romântico e apaixonado pelo passado, surge a Arqueologia científica, e desde então se procurou definir qual o objeto de estudo desta ciência. Tais objetos, segundo

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG  
Bacharelado em Arqueologia  
E-mail: alinebastosmendes@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG  
Bacharelado em Arqueologia  
E-mail: amanda\_seabra@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG  
Bacharelado em Arqueologia  
E-mail: diego.rmachado@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora – Graduação Licenciatura em Ciências Antropológicas pela Universidad de La República, UDELAR - URY. Mestrado em Programa de Pós Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Doutorado em Programa de Pós Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG  
E-mail: mgluchy@gmail.com

Bruneau “estão ligados, de uma maneira ou de outra, à presença e à atividade humana; sem isto, caberiam a uma ‘ciência natural’, como a geologia ou a paleontologia, e não a uma ciência humana” (BRUNEAU, 1974, p.04).

A paixão pela arte rupestre surge ao lado das tentativas incansáveis dos arqueólogos para compreender o homem pré-histórico. E mais ainda ao pressuposto de que o arqueólogo estuda a Cultura Material do homem e suas relações. Próximos da Antropologia, da história e também aqui e em dados momentos, da história da arte. Sua linguagem, seus costumes, seus gestos e suas indústrias (bem como as indústrias líticas) fazem parte de um mundo de especulações e tentativas de desvendar o mistério através da complexa cultura material que foi deixada há milênios pelos nossos antepassados.

O que se quer saber era se o homem pré-histórico, através de seus desenhos comunicava-se. Se eles podiam entender-se. Trata-se, portanto da primeira forma de diálogo, que hoje ainda pode ser vista por nos. Vista e sentida. Hoje vista de forma de forma mais impressionante ainda pela dificuldade de acesso até essas obras, andar por cavernas, lugares úmidos e escuros para de repente se deparar com um enorme e imponente bisão, deve ser uma sensação indescritível. É indispensável dizer que a arte das cavernas provoca, a certo ponto, angustia, pavor, curiosidade, familiaridade ou outros tanto sentimentos que habitam em nos e que poderiam, ocasionalmente, habitar no íntimo do homem pré-histórico.

“Não existe realmente o que se possa dar o nome arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns contam as suas tintas e desenhavam cartazes para tapumes (...)” (E.H. Gombrich, 1978)

A arte não era somente feita nas paredes de cavernas, o que se chama arte parietal, era feita também em objetos que podiam ser carregados como as armas ou úteis, essa é a arte mobiliária. A arte parietal ela compreende as pinturas feitas ao ar livre como dentro de cavernas e é composta por obras pintadas, gravadas esculpidas e raramente modeladas.

A arte hoje pode ser expressa das mais distintas formas, hoje pintar um quadro, sendo ele arte ou não, é muito fácil basta adquirir as matérias adequadas em qualquer loja específica. Mas, no período do paleolítico obviamente não era assim, a matéria-

prima utilizada era com frequência simples e fáceis de conseguir *in situ*: carvão vegetal ou argila das cavernas. Também se conseguia raras matérias-primas de origem mineral. Analisar as cores da natureza ao redor de nós é um grandioso exercício para compreender como era a realidade desses homens. Se olharmos a natureza com olhos de um artista procurando as cores para nossa obra, facilmente as encontraríamos, pois as cores estão em todos os lugares. Os homens pré-históricos iam além. Para a cor preta se usava carvão ou óxido de manganês e óxidos de ferro para os ocres, limonetas e hematitas que ainda permite obter cores que vão desde o amarelo ao violeta escuro, de acordo com o seu grau de oxidação.

Através justamente das pinturas, mais precisamente dos materiais utilizadas é que podemos hoje saber as datas de quando foram feitas. O método mais incontestável da datação direta, obtida do Carbono-14 é feito a partir dos pigmentos utilizados nas obras.

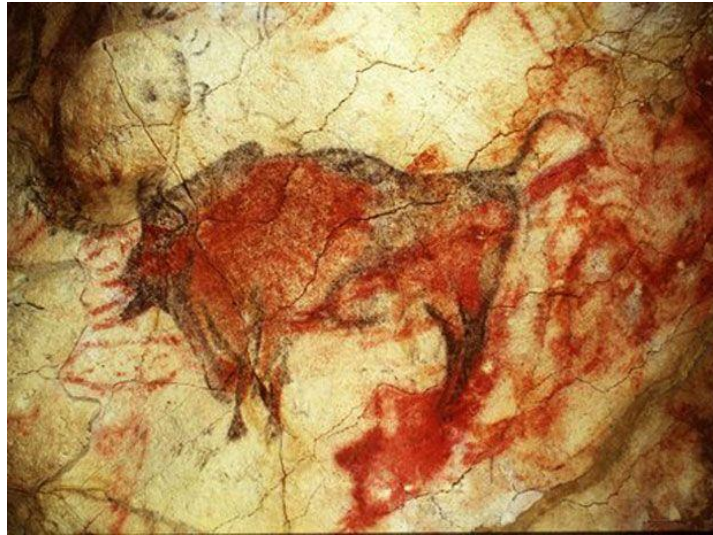
Para a aplicação das tintas eram feitas com os dedos ou ainda com tufo de pelos e úteis, como escovas, feitos de crinas de animais ou fibra vegetal. Nesse ponto podemos notar que até hoje muita coisa não mudou pelo fato de ainda haver pinceis feitos de pelos de animais e alguns mais “tecnológicos” feitos com cerdas de materiais sintéticos.

Com isso, que temos hoje são as marcas deixadas pelo tempo, histórias que o homem quis contar e escolheu a pintura para isso, o que temos hoje é a Arqueologia como o limite para entender e observar os artefatos e as criações humanas. Os seus sentimentos só podem permanecer cravados nas suas pinturas, só podem estar registrados na sua caça, na sua presa, só podem estar fadados ao sentimento de perda por nós. A única forma de resgatar em parte é fazer parte destas criações. Pois nós hoje só podemos fazer interpretações, mas nunca realmente saberemos quais as suas intenções. Quando o homem pré-histórico fez a arte, ele não tinha essa noção engravada dentro de si. Quem dá nome de arte somos nós.

As representações mais conhecidas e mais expressivas são as das cavernas de Altamira na Espanha e de Lascaux na França, cada uma com suas peculiaridades, serviram de base para este estudo. E serão vistas separadamente.

A Caverna de Altamira situam-se a 30 km da cidade de Santander, na Cantábria e suas pinturas foram descobertas em 1879 por Marcelino Sanz de Sautuola e foi o primeiro conjunto encontrado pertencente aos chamados períodos Magdaleniano e

Solutreano (períodos pertencentes ao paleolítico superior). Na época da sua descoberta causou grande polêmica em torno da sua autenticidade até os estudos ao longo da pré-história se desenvolver, e é aceita como uma obra artística realizada pelo homem do paleolítico.



Datadas com Carbono-14 no acelerador de partículas, as pinturas de Altamira datam de 15.000 e 12.000 anos comprovando a sua autenticidade. São diversas pinturas, sendo o bisão o mais encontrado com dezesseis exemplares em diversos tamanhos e posturas.

O Bisão Encolhido ou o bisão ferido é a mais expressiva pintura. Está pintado sobre um ressalto da abóbada no qual o artista soube encaixar a figura do bisonte, fazendo o efeito de tridimensionalidade encolhendo-o, dobrando suas patas e forçando a posição da cabeça para baixo.



O animal tombou no chão, moribundo, as patas já não sustentam o corpo, mas ele baixa a cabeça para tentar defender-se das azagaias que lhe arremessam. É uma imagem viva e realista, assombrada pela agudeza da observação, pelo traçado firme e rigoroso, pelo matizes sutis que dão volume e relevo as formas, ou talvez mais ainda, pela força e dignidade da fera agonizante. (JANSON, 2001)

A grande fêmea de cervo, a maior de todas as figuras representadas, tem 2,25 m e manifesta uma grande perfeição técnica. Sob seu pescoço, aparece o desenho de um pequeno bisonte, em traço negro.



O Cavalo ocre situado em um dos extremos da abóbada foi considerado pelo pesquisador Henri Breuil como uma das figuras mais antigas do teto. Este tipo de pônei devia ser frequente na região cantábrica, pois também o vemos representado na caverna de Tito Bustillo, descoberta em 1968 na região de Ribadesella.



A caverna de Altamira foi considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO. E em 1998 foi lançado o projeto de se fazer uma réplica da caverna perante indícios de deterioração do acervo. Uma moagem automatizada reproduziu o alívio da caverna em blocos de poliestireno. Os blocos foram revestidos com uma fina camada de cera, que reproduz a textura da pedra natural com impressões de silicone sendo tudo isso alterado de acordo com documentação fotográfica específica. Ao lançar o novo teto foi obtida como a rocha artificial é feita de 80% de pó calcário. As reproduções de pinturas e gravuras do Paleolítico foram feitas com os mesmos procedimentos e materiais utilizados pelos artistas de Altamira: água, ocre e carvão. Um quebra-cabeça gigante foi finalmente unido por tensores de aço. Assim foi inaugurada em 17 de julho de 2001 La Neocueva, recebendo desde então milhares de visitantes todos os anos.



Famosa foto mostra os Reis da Espanha em visita a Neocueva.

Lascaux é um complexo de cavernas no sudoeste de França. Suas paredes estão pintadas com bovídeos, cavalos, cervos, cabras selvagens, felinos, etc., permite pensar tratar-se de um santuário e foi datada com Carbono-14, em cerca de 15.500 anos AP. Descoberta a 12 de Setembro de 1940, por quatro adolescentes, que procuravam o seu cachorro perdido, são eles: Marcel Ravidat, Jacques Marsal, Georges Agnel e Simon Coencas, logo eles avisaram ao seu antigo professor, Léon Laval. Henri Breuil foi o primeiro pré-historiador a visitar o local, logo após a descoberta, no dia 21 de Setembro de 1940

O complexo de Lascaux foi em Outubro de 1979 incluído no Patrimônio Mundial da UNESCO, com outros sítios e grutas ornamentadas do vale do Vézère.

Lascaux foi dividido em diversos setores. O mais expressivo seria a Sala dos Touros onde as gravuras podem chegar a 5m e contem duas fileiras de auroques estando encaradas entre si, duas de uma faixa e três da outra. Os dois auroques do lado norte vão acompanhados de uma dezena de cavalos e de um grande animal enigmático, pois ostenta dois traços retilíneos sobre da testa que lhe deram o apelido de unicórnio. No lado sul há três grandes auroques que ladeiam três menores, pintados a vermelho, bem como seis pequenos cervos e o único urso da gruta, solapado no ventre de um auroque e de difícil interpretação. Os auroques (*Bos primigenms primigenius*) era o boi dos tempos pré-históricos de grandíssimas dimensões chegava a 3,10 metros e de 800 a 1000 quilos, muito maior que os bovinos atuais e era muito difundido em toda Europa. Uma caça intensiva abateu o ultimo exemplar por volta de 1627.



O Divertículo Axial contem diversos bovídeos, junto de cavalos acompanhados por cervos e de cabritos. O mais interessante é que alguns animais foram pintados no teto, parecendo saltar de uma a outra parede, dando uma idéia de movimento e ainda de conhecimento da anatomia animal.



A Passagem já está muito degradada pela ação do tempo, nomeado assim pelas correntes de ar e em seu conteúdo apresenta novilhos e cervos.





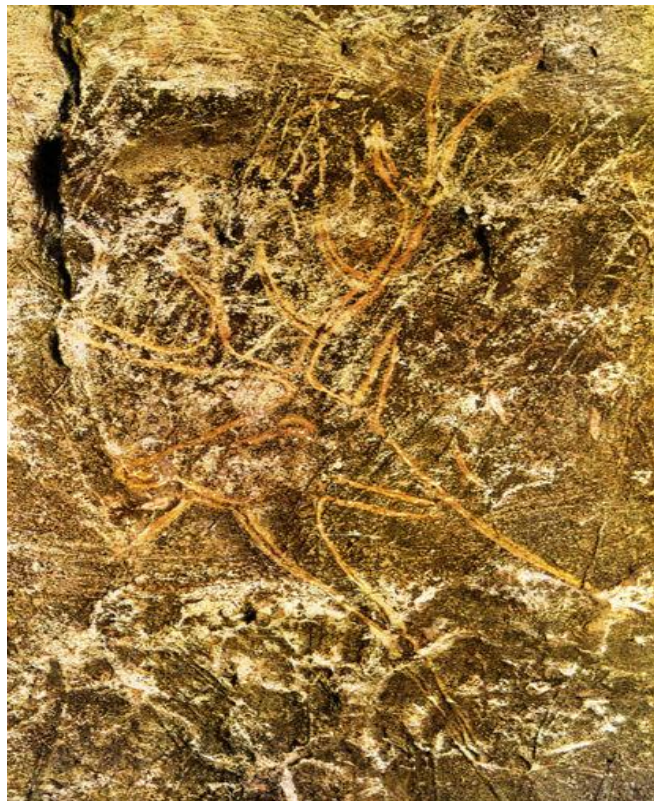
A Nave é muito rica, pois contém quatro grupos de figuras: o painel da Pegada, o da Vaca negra, o dos Cervos nadando, e ainda os dos Bisões cruzados.



O Divertículo dos Felinos deve esse nome a um grupo de felinos, dos quais um parece estar a urinar para marcar o território. De difícil acesso apresentam ainda outros animais associados a signos, como uma representação de cavalo visto de frente, algo excepcional na arte paleolítica, pois os animais são, em geral, representados de perfil. Há também animais feridos e com sinais de ataques.



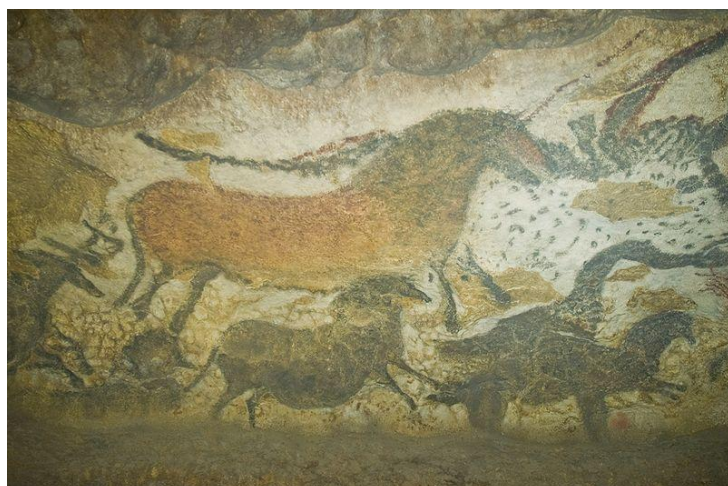
Abside contém mais de mil gravuras, alguns superpostos a pinturas, correspondendo a animais e signos. Aqui está a única rena figurada de Lascaux.



O Poço apresenta a cena mais misteriosa de Lascaux: um homem, com cabeça de pássaro, investido talvez por um bisão, de lado está representado um objeto alongado sobreposto a uma ave, que talvez seja um propulsor; na esquerda um rinoceronte parece afastar-se. Na parede oposta há também representado um cavalo. Muitas especulações podem ser feitas através de híbridos de animais com humanos, um possível ritual ou até um Deus. Isso é visto em outras cavernas também da Europa como a de Les Trois-Frères no município de Montesquieu-Avantès na França. Lá se encontra o grande e o pequeno feiticeiro. Em Lascaux o que temos é esse meio homem meio pássaro com o sexo projetado, talvez um grande Deus talvez apenas uma complexa expressão artística ou ainda uma marcação de território. Na realidade como já tinha dito, nunca saberemos. Apenas admiramos e fazemos as nossas interpretações.



Como aconteceu em Altamira, Lascaux também sofreu deteriorações perante o gás carbônico da respiração dos visitantes e ainda dos flashes das câmeras fotográficas já em meados dos anos 50. Foi tomada a decisão de encerrar as visitas no interior das grutas em 1963 sendo desde então tomadas diversas medidas para que a atmosfera interior da gruta fosse controlada. Logo as pinturas recuperaram o seu brilho inicial. Mas a procura turística ainda era muito grande e a solução para isso foi também fazer replicas de alguns setores, os escolhidos foram o Divertículo axial e a Sala dos Touros. O projeto foi parcialmente financiado pela venda da caverna original ao Estado em 1972. As obras pararam em 1980, sendo logo retomada pelo departamento da Dordogne, sua inauguração foi em 18 de Julho de 1983 o chamado Lascaux II. Outras reproduções de pinturas (friso dos cervos, bisões encostados e a vaca negra da Nave, cena do Poço) expõem-se no parque do Thot, a poucos quilômetros de Montignac.



Fazer qualquer tipo de interpretação nos dias de hoje é muitíssimo complicado e tudo complica ainda mais quando o objeto de estudo data de milhares de anos. O homem paleolítico não pode nos dizer por que fez pinturas e os verdadeiros sentidos das mesmas. O que podemos ver e sentir é que elas são complexas na sua magnitude e se são hoje também eram durante o paleolítico superior. Decorar as suas moradias ou as suas ferramentas ou armas era os que eles faziam e hoje também fazemos a única diferença é que não moramos mais em grutas ou cavernas, nos criamos a agricultura, após começaram os pequenos vilarejos e evoluiu no que temos hoje grandes civilizações, nossas tecnologias e nossas moradias, as quais também decoramos e pintamos ao nosso agrado. E o que são os grafites e ainda as pichações? Será a arte rupestre dos dias atuais?

As interpretações para as pinturas rupestres são as mais diversas desde marcadores de territórios, ritualização e até treinamento para caçadas ou simplesmente o ato de querer passar o tempo. Tempo que passou. Mas as marcas perduraram, a materialidade perdurou. A arte é largamente complexa sendo ao mesmo tempo tão material e tão imaterial se pensarmos nas intenções. O homem analisa seu meio social comum e dentro de seu íntimo esse meio comum ganha novamente vida, e a arte está ligada para sempre com esse momento de expulsão de vida para o mundo Social e Simbólico em que o indivíduo pertence. Assim arqueologia está aí para estudar o seu objeto (material ou imaterial) seja ela qualquer ação humana e a arte é uma. Mas, infelizmente a imaterialidade e o subjetivo morreram com os homens e nunca voltarão.

Bibliografia:

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.

JANSON, H.W. História Geral da Arte – O Mundo Antigo e a Idade Média. Editora Martins Fontes. 2ª edição, 2001.

BRUNEAU, Philippe. “Chapitre X L’objet de l’archéologie: I. Épistémologie: definition scientifique de l’object”; in Artistique ET Archeologie, P. Bruneau ET P- Y Balut, Presses de l’université de Paris – Sorbonne, 1997.

LEROI-GOURHAN, André. Los hombres de la prehistoria, 1955.

<http://museodealtamira.mcu.es/neocueva.html>

[http://clio.rediris.es/clionet/fichas/pre\\_rupestre.htm](http://clio.rediris.es/clionet/fichas/pre_rupestre.htm)

[http://www.imageandart.com/tutoriales/historia\\_arte/primeras\\_pinturas/](http://www.imageandart.com/tutoriales/historia_arte/primeras_pinturas/)